

[FAUSTO VIANA e ROSANE MUNIZ]

Fausto Viana é figurinista, cenógrafo e pesquisador. Professor livre-docente da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). Coordenou o projeto de catalogação do acervo de figurinos do Theatro Municipal de São Paulo. Participa do projeto de pesquisa *As Tramas do Café com Leite*. Colabora com o blog www.vestindoacena.com.

E-mail: faustoviana@uol.com.br

Rosane Muniz é jornalista, atriz e autora do livro *Vestindo os nus – o figurino em cena* (Senac Rio, 2004). Mestra em Artes Cênicas (ECA-USP), mantém o blog: www.vestindoacena.com.

E-mail: romuniz@gmail.com

[34]

Cosplay?

Moderna era sua avó!

Parte do elenco de *O contratador de diamantes*, na escadaria do Teatro Municipal de São Paulo, em 1919.
Fonte: *Cem anos de teatro em São Paulo*, p. 80.

Uma nova onda vem agitando os mares da produção de trajes nas grandes capitais brasileiras. São roupas de personagens japonesas usadas no Cosplay, que, com as comemorações dos cem anos da imigração, ficaram ainda mais em evidência.

Mas o que é *cosplay*? *Costume play*, ou seja, "jogar", "brincar" com fantasias ligadas aos mangás¹ e animês². De acordo com o site oficial do Cosplay Brasil, um grupo que agrega cosplayers brasileiros, a história do cosplay está intimamente ligada à história das convenções de ficção científica nos Estados Unidos. Em 1939, durante a I World Science Fiction Convention, ou Worldcon, em Nova York, dois jovens compareceram ao evento como os únicos fantasiados entre um público de 185 pessoas. Mas o *cosplay* como o conhecemos hoje só seria definido em 1984, quando o designer Nobuyuki Takahashi, de um estúdio japonês chamado *Studio Hard*, visitou a Worldcon daquele ano, em Los Angeles. Ele ficou tão impressionado com o *masquerade*³ apresentado, que publicou várias matérias e artigos sobre o assunto em revistas japonesas de ficção científica, criando e difundindo um novo termo para definir o que havia presenciado: Cosplay.

Dai para virar febre foi um pulo. Uma indústria surgiu no Japão para atender essa

Marcelo Fernandes e Thais Jussim, cosplayers e dupla campeã brasileira do WCS 2007 Fonte: Caio Kenji, Revista Made in Japan.



demanda, que segundo Cristiane Sato, autora de *Japop* – o poder da cultura japonesa, é uma atividade muito saudável para o povo daquele país, em geral muito tímido e que encontra nessa brincadeira uma forma de liberar energias e se expressar. Mas os brasileiros também aderiram fortemente ao fenômeno, como ficou comprovado no último World Cosplay Summit, versão 2008, que aconteceu no Auditório do Anhembi, em São Paulo, no mês de junho.

A interpretação dramática das personagens, como pudemos ver no palco do Anhembi, é bem amadora, de gosto duvidoso para os apaixonados pela arte da interpretação. Ainda que alguns participantes digam que fizeram cursos de teatro para melhorar sua performance e elaboração de personagens, o padrão imitativo das vozes dos desenhos animados é de assustar. No que tange à produção da indumentária em si, no entanto... nada é tão simples. Cristiane Sato conta que, no início, quando ela mesma introduziu a brincadeira no Brasil, fez quatro fantasias para Cosplay. Hoje, os jovens chegam a ter 12 ou mais por ano, a um custo muito grande. Uma mania que pode virar compulsão facilmente: muitos jovens estão com dificuldades financeiras para arcar com todo esse "abuso". Há histórias de alguns que arrumam emprego só para trabalhar o suficiente para pagar a fantasia (abandonando o trabalho em seguida), além de problemas de atrito em família pelos excessos...

O fato é que hoje, entre um quimono e outro na Liberdade, acham-se facilmente os cartazes das costureiras especializadas em Cosplay. *Fantasia*s de Cosplay, e não *figurinos* de teatro para Cosplay⁴. Do ponto de vista da dramaturgia, a superficialidade da abordagem também distancia o Cosplay das formas consagradas de teatro japonês, como o nô e o kabuki.

Enquanto isso, em 1919...

A cidade de São Paulo andava em pleno desenvolvimento, mas ainda não era um lugar em que a diversão "fervesse" como hoje. Ninguém imaginava uma febre como o Cosplay, mas um grupo de jovens paulistanos, que havia formado a Sociedade de Cultura Artística⁵, se preparou em 1919 para fazer a montagem do espetáculo *O contratador de diamantes*, escrito por Afonso Arinos⁶.

Era uma iniciativa de caráter beneficente, em prol do Asilo dos Inválidos e da pró-

pria Sociedade de Cultura Artística, como informam Sábado Magaldi e Maria Thereza Vargas em *Cem anos de teatro em São Paulo*. Agora, era provável que eles se divertissem bastante: todos que participavam desse grupo eram muito bem-nascidos, de famílias quatrocentonas. Alguns nomes como Dona Antonieta Prado Arinos, Eglantina Penteadado da Silva Prado, Maria Guedes Penteadado, Vera Paranaguá, Gofredo da Silva Teles e René Thiollier. A equipe técnica contou com o apoio de madame Poças Leitão, a mítica professora de bailado da fina flor paulistana; a direção foi do ator Ernesto della Guardia; o ensaio das congadas ficou a cargo do coronel Sezefredo Fagundes e a direção da orquestra foi do maestro Francisco Braga. Magaldi e Vargas citam Wash Rodrigues como autor dos cenários, mas acreditamos que ele tenha sido também o designer dos figurinos, já que era estudioso de trajes históricos (ele viria a publicar, além de inúmeros outros trabalhos de indumentária, o excelente livro de aquarelas, *Uniformes do Exército Brasileiro*, em 1922, com Gustavo Barroso). A qualidade dos trajes é indiscutível, como se vê na foto que abre esta coluna e eles poderão ser vistos em breve em exposição, já que o Museu Paulista da Universidade de São Paulo recebeu uma doação de alguns desses trajes.

A diversão da nata paulistana, brincando como os cosplayers, não parava por aí: houve vários outros espetáculos beneficentes e os quatrocentões participaram ativamente. Mas não se preocupem: certamente entre os amadores dramáticos, *très riches*, não houve prejuízos para o erário (= dinheiro) familiar. Não é o caso dos nossos cosplayers, que acabam, literalmente, *broken*.

NOTAS

[1] Mangá - Significa, em japonês, história em quadrinhos. Cristiane Sato afirma que, para os japoneses, toda e qualquer história em quadrinhos, independentemente de ser japonesa ou não, é chamada de mangá porque simplesmente essa é a palavra que em japonês designa "quadrinhos". Fora do Japão (e no Brasil) a palavra tem outro significado. Mangás são os quadrinhos produzidos especificamente no Japão, ou com o conjunto de características que os japoneses desenvolveram nesta área, que dão a esses trabalhos um estilo próprio definido hoje como "japonês".

[2] Animê - No Japão, animê significa animação, derivada da palavra em inglês *animation*. Todo e qualquer desenho animado no Japão é um animê, mas fora de lá a palavra ganhou outro significado. Animê são os desenhos animados produzidos no Japão ou com o conjunto de características específicas que os japoneses desenvolveram nesta área, o que faz com que as produções tenham um estilo dito "japonês". Exemplos de animê: *Sailor Moon*, *Pokémon*, *Digimon* e *Cavaleiros do Zodíaco*.

[3] Masquerade - Uma mascarada, um grupo ou uma festa em que as pessoas estão usando máscaras.

[4] Fantasia versus figurino - uma *fantasia* é uma roupa utilizada por qualquer pessoa fora de um contexto dramático preestabelecido e desvinculado de conflitos. Alguém pode usar uma *fantasia* de Arlequim para ir a um baile de carnaval, por exemplo. Mas quando o traje de Arlequim é usado por alguém exercendo o ofício de ator em um espetáculo, ele ganha nova dimensão: há interação dessa personagem com as outras. O conflito dramático - razão principal do espetáculo teatral - fica claramente estabelecido. São acionados também signos visuais ligados às artes do espetáculo (neste caso, os da *commedia dell'arte*, uma tradição de quase 900 anos). Pelo caráter de continuidade das apresentações, o material que compõe esse traje normalmente não é tão descartável. Esse é o figurino teatral, ou o costume (roupa) teatral, aparato cênico para a concretização do ritual teatral.

[5] A Sociedade de Cultura Artística ainda existe e está comemorando 96 anos. Eles são os donos do Teatro Cultura Artística, em São Paulo, e elaboram vasta programação musical na cidade. Para saber mais, acesse: www.culturaartistica.com.br

[6] Afonso Arinos de Melo Franco nasceu em Paracatu Minas Gerais (1^a/5/1868) e morreu em Barcelona, Espanha (19/02/1916). Jurista, jornalista e escritor brasileiro, fez parte da Academia Brasileira de Letras.

SAIBA MAIS

www.cosplaybr.com.br

SAIBA MUITO MAIS

MAGALDI, Sábado e VARGAS, Maria Thereza. *Cem anos de teatro em São Paulo*. São Paulo: Senac, 2001.

SATO, Cristiane. *JAPOPOP - o poder da cultura pop japonesa*. São Paulo: NSP-Hakkosha, 2007.